

A revolta de Coré, Datã e Abiram (Nm 16-17)

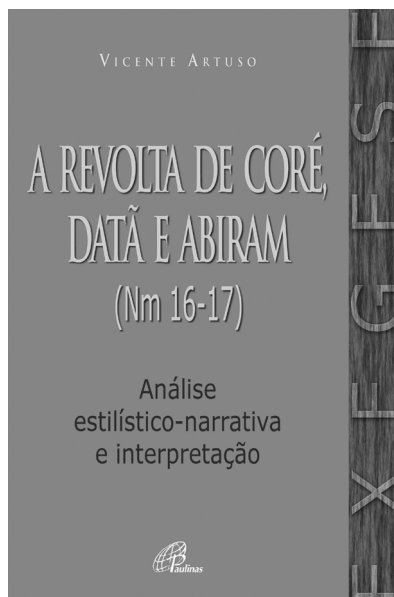
ARTUSO, Vicente (Org.)
São Paulo: Paulinas, 2008. 328p.

Prof. Dr. Pe. César Teixeira¹

Neste ano de 2008, o cenário político nacional e internacional foi marcado por significativas mudanças dos líderes governamentais. De um lado, ouviram-se gritos de vitória e, de outro, murmúrios e frustrações. Os conflitos advindos destas mudanças certamente nos faz refletir, à luz da Palavra de Deus, valores como paz, autoridade e “eleição”. Acredita-se que o livro “A revolta de Coré, Datã e Abiram” aprofunda esta reflexão e oferece um estudo sobre as relações entre povo e lideranças, cujas soluções nem sempre são justas e democráticas. Contudo, uma leitura de Nm 16-17, na ótica da resistência dos oprimidos, revela um avanço em busca da igualdade e participação.

O presente livro é fruto de pesquisas elaboradas pelo Padre capuchinho Vicente Artuso. O autor é mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio. É professor de Sagrada Escritura na Pontifícia Universidade do Paraná, no seminário Maior Divino Mestre de Jacarezinho e no Curso de Teologia para leigos da Diocese de Londrina.

O trabalho de pesquisa quer ser uma contribuição e um incentivo à pesquisa bíblica do livro dos Números e ao fundamento da nossa fé na Palavra de Deus que salva, por meio do discernimento de sua ação no pre-



¹ Professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

sente. Isto, naturalmente, para dar continuidade ao debate desta e de outras pesquisas à luz do dado revelado, requer uma atitude livre de preconceitos, seja metodológico ou de conteúdo, principalmente enquanto opinião formada sobre o conflito em compatibilidade com os dados da fé. Para tanto, a presente obra responde que Deus, apesar dos conflitos, continua se revelando e fazendo valer seu poder e sua autoridade por meio dos seus eleitos. Por trás dos conflitos, sempre aparecerá uma luz de esperança que surge da luta e resistência dos fracos para realizar o projeto de sociedade mais justa, humana e fraterna.

A pesquisa está organizada em dez partes.

A parte I retrata sobre o texto de Nm 16-17, enquanto fornece os dados necessários para o tema deste trabalho: “A revolta de Coré, Datã e Abiram”. O objeto de sua escolha é calcado na perspectiva do sujeito inserido em uma realidade conflitiva que desafia a sua própria coerência entre fé e vida de partilha, igualdade e fraternidade. O tema parte de um texto concreto, isto é, suas bases repousam em um conjunto de elementos ligados entre si e ao inteiro da obra do livro de Números. Nesta compacta integração, ocultam-se os reais limites do texto, deixando possibilidades de delimitação no contexto em que foi inserido. A validade da limitação proposta, entretanto, é garantida por fatores mutáveis: tempo, lugar, tema, estrutura e pelos personagens envolvidos na trama.

A parte II retrata um enredo de conflito, ignorância e conhecimento, assumindo um gênero de relatos de culpa e castigo. O cerne do conflito são as queixas dos revoltosos (Core e um grupo de levitas) contra a autoridade de Moisés e Aarão. Os revoltosos ignoram aquele que YHWH fará conhecer: o “santo”. Com isso, a narração põe os leitores diante de uma decisão entre aceitar o “santo”, que será o escolhido, ou rejeitar sua autoridade. O resultado final do conflito vem em forma de castigo, pois o escolhido de Deus é Aarão, cujo poder é legitimado por Deus que, apesar do conflito, está ao seu lado.

A parte III retrata a continuidade dos conflitos que agora se avolumam em torno da autoridade. Assim como na primeira parte temos um conflito religioso, nesta terceira parte é acrescentado um conflito político contra a autoridade de Moisés. O conflito atinge seu ápice na decisão de Datã e Abiram de não atenderem a convocação de Moisés, o qual reagiu com muita ira.

A parte IV retrata dois grupos em disputa, tendo o ritual do incenso como elemento determinante para esse desfecho: de um lado, o grupo de Aarão e, de outro lado, os revoltosos. Estes últimos são exatamente duzentos e cinquenta que oferecem o incenso e serão queimados pelo fogo que sai junto de YHWH. A tenda é o lugar da revelação e também do julgamento de YHWH. Moisés e Aarão, ao receberem de YHWH o decreto, transmite-o à congregação ali reunida, consolidando-se em um decreto divino, onde os revoltosos não terão a quem recorrer restando-lhes apenas aguardar o que vai acontecer.

Na parte V um novo cenário se abre com a manifestação de YHWH e a instrução. É a própria glória de YHWH que se revela a toda a congregação. Agora, a revolta contra os líderes que provocam a ira e a punição de YHWH, passa a ser critério por meio do qual o próprio YHWH orienta o rumo dos acontecimentos, tendo Moisés como elemento articulador que começa a intervir para o cumprimento da punição dos revoltosos. O grupo de Moisés e a congregação deveriam se separar dos revoltosos, pois o conflito terá a intervenção de YHWH. Apesar de YHWH ter pedido o extermínio de todos, Moisés e Aarão intervêm, impedindo o castigo contra toda congregação.

A parte VI vem consolidar a separação dos revoltosos e o anúncio do castigo. O julgamento, mesmo que indiretamente, agora fica explícito: os revoltosos serão engolidos pela terra. Por outro lado, a oposição não se afasta de suas tendas, aguardando o veredito final. A forma do julgamento vai sendo delineada entre o significado daquilo que é a criação de YHWH e o Sheol.

Com a destruição dos revoltosos, conclui-se a realização do julgamento. É nesta VII parte que se dá a conclusão da história, marcado por dois tipos de castigo: no primeiro os revoltosos são tragados pela terra, seguido da fuga de todos os israelitas; no segundo os duzentos e cinquenta líderes são destruídos por meio do fogo de YHWH. É o fim do conflito? Veremos! No momento, sabemos que o líder Moisés é confirmado em seu poder que vem de Deus e que não falha contra os revoltosos. Com isto, fica evidente a eficácia da palavra de Deus proclamada por seus enviados e pelos fatos da história. O discernimento dos verdadeiros sinais da presença de Deus na história é, portanto, o grande desafio para os homens.

A VIII parte aponta para as disposições sobre os incensos. A novidade deste trecho é a volta de YHWH que fala novamente para Moisés,

comunicando-lhe os ordenamentos que Eliazar deve realizar em relação aos incensórios. A função deste trecho é servir de dobradiça, isto é, em primeiro plano serve de prolongamento natural da história de Coré, Datã e Abiram (Nm 16,1-35). Em segundo plano, contém elementos que projetam o leitor para a história seguinte sobre quem é aquele que pode oferecer incenso e se aproximar do altar. Assim, a cena seguinte, em Nm 17,6-15, mostra Aarão fazendo o rito da expiação, tornando-se depois, o eleito e único que é colocado na tenda do testemunho a serviço do santuário.

A IX parte retrata revolta do povo e a intervenção de Aarão. Este texto mostra que, apesar da forte represália com o castigo dos revoltosos, o povo tornou a revoltar-se contra Moisés e contra Aarão. Se a história de Coré e seus seguidores não encontrou um final feliz por não calar as murmurações do povo, pelo menos termina bem do ponto de vista pedagógico como lição para as gerações futuras a fim de não ousarem revoltar-se contra seus líderes.

A X e última parte retrata a história da vara de Aarão diante do testemunho. A imposição do poder de Aarão como o eleito, traz a paz aos filhos de Israel, os quais param de murmurar contra os líderes. O conflito, do ponto de vista daqueles que estão no poder, chega ao fim, uma vez que já teria alcançado seus objetivos de firmar o “eleito” em sua autoridade e torná-lo conhecido. O conflito, entretanto, na ótica dos revoltosos, não acabam, pois grande era a resignação diante das revoltas fracassadas. Os revoltosos, portanto, devem continuar submissos a uma autoridade central.

Trata-se portanto, de um livro que vale a pena ser conhecido, sobretudo por aqueles que estão comprometidos com a luta pela dignidade do povo sofredor. Luta esta que não pode ficar estagnada pelos conflitos que abafam os gritos de pessoas de fé que são agentes sociais, individuais ou coletivos. A crítica a esses conflitos, causados por sistemas sociais e relações interpessoais, não basta para conhecer que nenhum sistema social e de relações esgota as potencialidades do ser humano como criaturas de Deus.

César Teixeira, padre da Arquidiocese de São Paulo, é doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Santo Tomás de Aquino de Roma, onde defendeu uma tese sobre a importância da mesa de refeição no anúncio da traição em Mc 14,17-21. Atualmente, além das atividades pastorais nas Regiões Episcopais Sé e Lapa, em São Paulo, é professor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e no Instituto de Teologia de Santo André, onde leciona Sagrada Escritura.